
Deixe a gira girar: vínculos, laço social e comunicação em casas de umbanda na região metropolitana de Natal¹

Maria Clara Bezerra de Araújo²

Universidade Federal do Rio Grande do Norte – UFRN

RESUMO

Este trabalho apresenta as propostas iniciais de um projeto de pesquisa doutoral que questiona as relações entre laço social, comunicação e comunidade a partir de uma leitura analítica dos vínculos percebidos em casas de umbanda na região metropolitana de Natal-RN. Considerando as discussões de Sodré (2014) sobre comunicação como ciência do comum, como também os terreiros de religiões de matriz afro como espaços que sofrem subalternização (CARRERA, 2021), a pesquisa busca identificar o que e como, nas relações entre as pessoas das casas de umbanda pesquisadas, constrói e mantém o laço social (PAIVA, 2012).

PALAVRAS-CHAVE

Comunicação; Comunidade; Laço social; Umbanda.

A GIRA E O LAÇO

O que é necessário para construir o laço social? E como esses elementos se relacionam a fim de fortalecer e manter vínculos entre pessoas? É possível compreender o que atua nos encontros entre indivíduos e grupos a fim de repensar a nossa estrutura social e a forma com que se articulam nossas ações enquanto seres subjetivos e coletivos? Olhando para os problemas que enfrenta a sociedade brasileira quanto aos embates entre grupos e concepções ideológicas e políticas, levando a uma necessidade, como define Paiva (2012), de reconstrução do laço social, questiona-se neste trabalho as formas com as quais ambientes subalternizados (CARRERA, 2021) como casas de práticas de religiões afro constroem e mantêm as relações entre seus integrantes.

Observa-se esses espaços como locais não só de resistência, quanto aos preconceitos que sofrem, mas de produção cultural intensa atrelada à manutenção e à

¹ Trabalho apresentado no GP Comunicação Antirracista e Pensamento Afrodiaspórico, XIX Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 47º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Doutoranda – Programa de Pós-Graduação em Estudos da Mídia (PPGEM-UFRN). E-mail: clarabez@mail.com

transformação de símbolos, gerando identificações e vínculos. Em geral localizados em áreas desprestigiadas ou isoladas das cidades, exigem ainda mais esforços para se manterem em funcionamento, ainda assim atraindo, conectando e fortalecendo os vínculos e os desejos de permanecer e levantando também uma discussão sobre territorialidade.

De acordo com Sodré (2019), a territorialização é dotada de força ativa, como também possui natureza físico-simbólica – ou seja, tem a capacidade de colaborar com a construção não só de ambientes concretos, mas também de sentidos, diferentes também conforme a localização. Resgatando a história grega, ele destaca o papel da ágora, espaço circular onde os gregos entravam em um universo político baseado na reciprocidade. Ele destaca ainda que as formas de ocupação dos espaços direcionam as imagens culturais que uma nação faz de si. Com um domínio europeu colonizador, no Brasil, o autor explica que houve uma capitalização dos espaços, o que gerou opressão social com objetivo de esmagar as diferenças entre as pessoas. Os terreiros surgiriam assim como espaços de sobrevivência de culturas oprimidas e levadas ao apagamento.

As comunidades litúrgicas conhecidas no Brasil como terreiros de culto constituem exemplo notável de suporte territorial para continuidade da cultura do antigo escravo em face dos estratagemas simbólicos do senhor, daquele que pretende controlar o espaço da cidade. Tanto para os indígenas quanto para os negros vinculados às antigas cosmogonias africanas, a questão do espaço é crucial na sociedade brasileira. (SODRÉ, 2019, p. 19-20).

Quais processos permitem a esses espaços se manterem atuantes, vivos e agregadores de pessoas e sentidos? Poderiam eles nos indicar novas chaves para a construção dos vínculos entre as pessoas e a condução de nossas práticas sociais, tendo a comunicação, como defende Sodré, como a ciência do que evidencia e põe em comum? Poderiam ser os terreiros espaços para a investigação de formas outras de comunicação e de laço social?

DO LAÇO À COMUNIDADE

Com relação aos laços sociais, Mato (2012) propõe uma perspectiva analítica intercultural, que inclui as relações entre atores institucionais e coletivos. Ele parte da

premissa de que esses atores sociais interinstitucionais e grupos não são homogêneos. As diferenças estariam relacionadas a diversos fatores - como classe, gênero, ideologia. Ainda assim, em suas práticas sociais, os atores produzem, fazem circular, apropriam-se de significados e os transformam.

Assim, numa mesma instituição ou grupo, segundo ele, é possível identificar diferentes porta-vozes e atores coletivos, com percepções e interpretações diferentes sobre a cultura ou identidade que representam. É por esse motivo que, a partir do modo de ver a realidade, são geradas diferenças e conflitos, mesmo nos grupos que compartilham sentimentos de pertencimento.

Dessa forma, não é possível falar em uma única identidade, relativa à instituição ou a um grupo, para pensar os seus processos de comunicação. Como defende Collins (2022, p. 59), “em vez de uma identidade fixa e essencialista que uma pessoa carrega de uma situação para outra, as identidades individuais agora são vistas como desempenhadas de forma diferente entre um contexto social e outro”. Nesse sentido, de acordo com ela, é necessária uma mudança de paradigma, o que propõe a interseccionalidade, a fim de avaliar como as relações de poder mutuamente construídas determinam os fenômenos sociais.

Como é possível construir ou manter processos de comunicação envolvendo pessoas diferentes entre si, com histórias e interesses por vezes díspares? Para refletir sobre essas questões, destaca-se Sodré (2012). Defendendo uma estratégia sensível para os processos de comunicação, o autor evidencia “o lugar singular ssimo do afeto” (SODRÉ, 2006, p. 11). Para ele, tem mais a ver com o sensível do que com uma medida racional, sendo urgente outra posição interpretativa para o campo da comunicação. Isso porque, segundo ele, a dimensão sensível vem sendo isolada para dar espaço a lógicas mecânicas e calculadas em benefício de garantir a soberania do capital.

Dessa maneira, o novo na comunicação não emerge, não há lugar para uma escuta verdadeira, uma vez que se objetiva quase sempre repetir modelos e roteiros premeditados. Seria necessário, ao contrário disso, orientar-se por estratégias espontâneas, fazendo irromper o singular.

Quando, entretanto, se age afetivamente, em comunhão, sem medida racional, mas com abertura criativa para o outro, estratégia é o modo de

decisão de uma singularidade. [...] A dimensão do sensível implica uma estratégia de aproximação das diferenças - decorrente de um ajustamento afetivo, somático, entre partes diferentes num processo -, fadada à constituição de um saber que, mesmo sendo inteligível, nada deve à racionalidade crítico-instrumental do conceito ou às figurações abstratas do pensamento (SODRÉ, 2006, p. 11).

Com relação às preocupações sociais, Paiva (2012) reflete sobre a estrutura comunitária, sua forma social e as suas possibilidades de comunicação. Para ela, “a preocupação é refletir sobre as novas formas de contato no momento em que grandes (antigas e novíssimas) incertezas assombram a era atual” (PAIVA, 2012, p. 63), destacando que estamos virtualmente ligados e dependentes uns dos outros de uma forma que nunca gostaríamos de ter sido. Pontua também que nos deparamos com modelos de relações que não funcionam mais, ao passo que novas maneiras de se relacionar podem ser planejadas e criadas. “Diante de um cenário de tamanha incerteza, até mesmo quanto à possibilidade de sobrevivência da espécie humana, parece imprescindível que se busquem pensamentos e teorias que nunca foram pensados” (PAIVA, 2012, p. 66).

Dessa forma, ela defende a ideia de comunidade, estabelecida a partir de laços e marcas de afetividade, como uma saída para os modelos de relação e de comunicação que não mais funcionam. Para a pesquisadora, é estratégica a ideia de cidadania, como também de consciência coletiva. É o que daria acesso, segundo ela, ao estágio de boa vida, em que as pessoas deliberariam sobre os usos dos bens comuns a partir da participação política e do compartilhamento desses bens. Ou seja, uma coletividade em que cada grupo e pessoa tem espaço, consciência e autonomia para falar, ser ouvido e interferir nas decisões do todo. “Juntas, comunicação, cidadania e comunidade partem em busca da realização do seu caráter de destino” (PAIVA, 2012, p. 69).

E como isso poderia ser estabelecido? Reforçando a perspectiva de Sodré (2006), ela defende que através do afeto, por isso a sua defesa pela ideia de comunidade do afeto, que seria formado com base na partilha coletiva de vozes e de sensações, em um acordo de gostos. Nesse sentido, os indivíduos seriam movidos muito mais por essa partilha, por esse acordo, do que por laços tradicionais de parentesco, consanguíneos, territoriais ou mesmo legais.

“A comunidade deveria ser uma emergência” (PAIVA, 2012, p. 74). Essa

declaração pode ser associada à de Sodré (2006, p. 22), para quem “um sentimento intenso de comunidade, e não uma razão universalista, estaria no âmago do processo comunicacional”. Para o autor, em meio a tantas imagens e discursos que administram o nosso afeto, é necessário questionar sobre qual o encaminhamento político de nossas emoções. De acordo com ele, seria o agir ético-político que faria emergir o ser comum como uma possibilidade de se inserir o quê e quem é diverso nas tramas das relações sociais.

Braga (2012) lembra que não só os pesquisadores, mas toda sociedade se preocupa em compreender a comunicação e está voltada ao fenômeno, em relação e posição prática. De acordo com ele, “a sociedade, suas instituições e pessoas não apenas se comunicam, mas pensam sobre isso e organizam largas partes de seu comportamento e seus processos sociais conforme o entendimento que têm a respeito” (BRAGA, 2012, p. 27).

Para o pesquisador, a comunicação trata de produzir sentidos, o algo novo que se busca. “A comunicação acontece, repentina, porque alguém se transforma - e percebe que se transforma. Não tenho dúvidas de que tais transformações ocorrem, e que são raras. Quando ocorrem, são efetivamente valoráveis” (BRAGA, 2012, p. 29).

No entanto, ele destaca que essas mudanças comunicacionais, em geral, são sutis e até imperceptíveis. Ele comenta que as mudanças parecem acontecer melhor em reverberação mútua. “Parece-me mais interessante pensar que, em interações sucessivas, as pessoas reverberam umas sobre as outras, se escutam mutuamente - e, por processos incrementais, se modificam a partir de aportes múltiplos e entremeados” (BRAGA, 2012, p. 29).

COMUNIDADES EM CASAS DE UMBANDA NA GRANDE NATAL

Partindo dessas reflexões, o trabalho aqui apresentado, ainda em seu início, propõe-se a fazer uma pesquisa observatória e analítica dos modos e processos de vínculo em casas de umbanda da região metropolitana de Natal-RN. Até o momento, foram visitadas três:

- Tenda Caboclo Sete Flechas; Líder: Mãe Francisca de Oxum; Extremoz-RN
- Tenda Caminhos de Aruanda; Líder: Mãe Karina de Oxum; Parnamirim-RN
- Centro Espírita de Umbanda Cabocla Anair (1969); Líder: Mãe Aldelícia de Oxum; Natal-RN.

Considerando o trabalho de Spivak (2010), sobre a necessidade de dar voz e não interpretação ao subalterno, tirando-o do lugar de objeto de pesquisa para o de sujeito, propõe-se ainda fazer uma série de entrevistas em áudio com as líderes das casas isadas, pesquisadas, com outros de seus integrantes. Com temas que serão definidos conforme o desenvolvimento da pesquisa, o objetivo é transformar essas entrevistas em material a ser compartilhado publicamente, como uma série de podcasts, ajudando a promover a disseminação da cultura de terreiro e o atravessamento de espaços, fazendo girar a prática e os sentidos ali encontrados.

Dessa forma, busca-se ter como resultado desta pesquisa não apenas um material acadêmico, mas também de valor popular e social, que nos auxilie a construir outras bases para as nossas formas de interação, reforçando os vínculos e as identidades que emergem dos espaços de resistência de culturas afro e indígenas brasileiras. Assim, busca-se também ampliar as discussões e as divulgações sobre essas práticas, contribuindo para um girar de olhar sobre elas, vendo-as não como inferiores, mas como pontos de força e de reinvenção de nosso comunicar e estar junto.

REFERÊNCIAS

BRAGA, José Luiz. **Interação como contexto da comunicação**. MATRIZES, Ano 6, nº 1, jul./dez 2012.

CARRERA, Fernanda. **Roleta interseccional**: proposta metodológica para análises em Comunicação. In: E-Compós. 2021.

COLLINS, Patricia Hill. **Bem mais que ideias**: a interseccionalidade como teoria social crítica. 1 ed. - São Paulo: Boitempo, 2022.

MATO, Daniel. **Heterogeneidade social e institucional, interculturalidade e comunicação intercultural**. MATRIZES, Ano 6, nº 1, jul./dez 2012.

PAIVA, Raquel. **Novas formas de comunitarismo no cenário da visibilidade total: a comunidade do afeto**. MATRIZES, Ano 6, nº 1, jul./dez 2012.

SODRÉ, Muniz. **As estratégias sensíveis**: afeto, mídia e política. Rio de Janeiro: Vozes, 2006.

_____. **Antropológica do espelho**: uma teoria de comunicação linear e em rede. Rio de Janeiro: Vozes, 2011.

_____. **A Ciência do Comum**: notas para o método comunicacional. Petrópolis: Vozes, 2014.

_____. **O terreiro e a cidade: a forma social negro brasileira**. Rio de Janeiro, Mauad X, 2019.

SPIVAK, Gayatri Chakravorty. **Pode o subalterno falar?** Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.